

Em busca da voz de Rosina Stoltz no periódico “A Marmota Fluminense-jornal de variedades e modas” do século XIX

Rowena Joy Jameson¹

UNIRIO / PPGM

Mestrado

Teoria e Prática da Interpretação Musical

rowenajameson@gmail.com

Resumo:

Fundada na perspectiva feminista de Smart no campo da pesquisa biográfica, na área da musicologia informada pela documentação histórica da crítica de ópera, o presente trabalho oferece um levantamento de dados no periódico “A Marmota Fluminense” sobre a atuação da mezzo-soprano francesa Rosina Stoltz no Rio de Janeiro, no ano de 1852. Os resultados da pesquisa são avaliados criticamente, com o intuito de destacar os dados que podem servir na construção de um perfil da atuação vocal e performática de Stoltz.

Palavras-chave: Rosina Stoltz, Crítica de ópera, Feminismo, Pesquisa com periódicos.

In Search of the Voice of Rosina Stoltz in the “Marmota Fluminense”

Abstract:

Using Smart’s feminist perspective in the field of biography, within the historically informed musicology of opera criticism, the present study offers data raised from the periodical *Á Marmota Fluminense* on the French mezzo-soprano Rosina Stoltz’ performance in Rio de Janeiro in 1852. The search results are critically evaluated with a view to highlighting data which may help build a profile of Stoltz’ vocal and performance work.

Keywords: Rozina Stoltz, Opera Criticism, Feminism, Research in Periodicals

No artigo *The Lost Voice of Rosina Stoltz* (1994), Mary Ann Smart oferece uma perspectiva feminista ao campo da pesquisa bibliográfica, dentro da área da musicologia informada pela documentação histórica da crítica de ópera. A autora mapeia a carreira da cantora de ópera francesa Rosina Stoltz, famosa diva da Ópera de Paris entre 1838 e 1847, e critica os trabalhos biográficos, que definiram a história da carreira da *mezzo-soprano* pelos escândalos em que supostamente foi envolvida. Smart alerta para o fato que, diferente das mulheres escritoras, cujas vozes permanecem no tempo em obras impressas, a memória da voz da mulher cantora reside apenas nas descrições dos fãs e críticos contemporâneos à sua atuação: “Cantoras mortas podem parecer mudas, de modo que escritoras não podem”.² Por outro lado,

¹ Orientadora: Prof.^a Dr.^a Doriana Mendes. Co-orientador: Prof. Dr. Cliff Korman.

² Tradução minha; “Dead singers can seem mute in a way that writers cannot”. A língua inglesa não tem gênero, mas traduzi *singers* como “cantoras” e *writers* como “escritoras”, pois aqui, a autora trata da voz da mulher.

a pesquisadora de Estudos de Gênero na ópera, Heather Hadlock, cita Virginia Woolf para discutir a vida fictícia da mulher na imaginação dos homens compositores e escritores, em particular como é representada nas obras românticas. Estas heroínas trágicas e românticas são sedutoras, poderosas, manipuladoras; em grande contraste com a vida real das mulheres da época. Na visão de uma escritora feminina: “Ela permeia a poesia, de capa a capa; ela é quase ausente da história” (WOOLF *apud* HADLOCK, 2012, p. 257).³ Hadlock afirma que a cantora de ópera ocupava um lugar relativamente privilegiado na sociedade – suas vidas dentro e de fora dos teatros tomavam bastante espaço nas páginas da imprensa. Porém, Smart questiona o escopo desta influência visto que se tratava de intérpretes das obras escritas por homens e não criativas independentes com vozes capazes de transformar o discurso acerca o lugar da mulher. Ainda, Smart observa a vulnerabilidade das mulheres nestes lugares de destaque, apontando que a proeminência das sopranos às sujeitavam “ao ressentimento, à crítica e ao escárnio.” (SMART, p. 32). Por exemplo, havia boatos de que a Stoltz foi responsável pelo enlouquecimento de Donizetti: Segundo relatos da época, a diva teria brigado tanto com o compositor, que ele sofreu uma crise de raiva que teria acabado com a sua saúde mental. De fato, o compositor contratou sífilis uma década antes do ocorrido incidente, a causa mais provável da sua insanidade. A cantora também teve a fama de ser a amante do diretor da Ópera e a falência da companhia em 1847 foi atribuída a ela. Embora Smart identifique que existe documentação crítica importante da fase inicial da carreira de Stoltz que indica as habilidades e deficiências na cantora promissora, uma vez estabelecida a personagem da diva, a voz fica perdida entre as notícias de escândalo e interesses políticos.

“O silêncio no centro da biografia da cantora nos obriga a consultar testemunhas inevitavelmente incompletas, tendenciosas, imprecisas. [...] O vão entre a essência do cantor – a voz perdida – e a pessoa que a produziu, é talvez maior do que em outras áreas, e é esta separação da voz e a fonte corporal, tanto quanto a lacuna de provas concretas, que deixa a biografia de ópera exposta á infiltração de teorias. (SMART, 1994, p.32)⁴

Aqui, a autora confronta o problema que a descrição da atuação de cantoras, historicamente, foca na aparência delas, ou, no melhor dos casos, na reação que a sua

³ Tradução minha “She pervades poetry from cover to cover; she is all but absent from history.” Virginia Woolf, *a room of one s own* (1929)

⁴ Tradução minha - “The silence at the centre of singer’s biographies obliges us to turn to testimonies inevitably incomplete, biased, inaccurate. [...]The gulf between the singer’s essence – the lost voice – and the person who produced it is perhaps greater than in other fields, and it is this split between the voice and bodily source, as much of the dearth of concrete evidence, that opens operatic biography to infiltration by theories.” (tradução minha)

performance provoca no espectador. Segundo Smart, existe um número maior de gravuras e outras imagens, ou seja, figurinos usados no palco, retratos, etc., do que de documentos que informam sobre a técnica vocal, o timbre, o gesto vocal de Stoltz, e outras questões da atuação profissional. Além disso, reportagens da época tendem a focar na vida pessoal, escândalos e fofocas que supostamente envolvem a cantora.

Um possível motivo para tal, seria que, talvez, a voz, assim como a performance da música em geral, resiste à descrição. Daniel Leech-Wilkinson, musicólogo do grupo CHARM⁵ explica que existem poucos termos científicos específicos para descrever e documentar os sons. Segundo o autor “o som é extremamente difícil de discutir em termos não-científicos, muito mais difícil de que as sensações através das quais percebemos as outras artes”⁶(LEECH-WILKINSON, 2009) e assim, acabamos recorrendo à metáforas, ou destacando os elementos extra-musicais de uma performance. Por exemplo: mulheres cantoras são frequentemente comparadas aos pássaros, o que não somente é emblemático da falta de capacidade do relator de documentar, em termos técnicos, a performance da cantora, mas ainda ressalta a ideia da fragilidade e delicadeza da artista, supostamente em forma de elogio. A pesquisa com fontes históricas sobre músicos e instrumentistas oferece fontes importantes para a compreensão da obra. Diferentemente da musicologia tradicional, que foca na análise da partitura para produzir uma performance fiel ao desejo do compositor, a musicologia atual está mudando seu conceito de ‘obra’ e aceitando que as realizações do texto pelos músicos são importantes na construção do significado de uma peça. Uma tentativa de reconstruir um retrato da voz e do estilo performático de Rosina Stoltz através da literatura disponível significa uma contribuição ao conhecimento musicológico das grandes obras sobre quais a atuação da soprano teve influência: seja como a prima-dona que as estreou, ou mesmo, concluirá Smart, como co-compositora, trabalhando estreitamente com maestros como Donizetti. O compositor escreveu certas árias para a voz da soprano, considerando as suas habilidades e limitações. Em uma análise de trechos de obras que a cantora estreou, a autora pôde apurar vários dados sobre as qualidades vocais de Stoltz⁷

⁵ Centre for the History and Analysis of Recorded Music

⁶ Tradução minha “sound is extremely hard to discuss in non-scientific terms, much harder than the sensations through which we perceive the other arts” Daniel Leech-Wilkinson, *The Changing Sound of Music: Approaches to Studying Recorded Musical Performance* (London: CHARM, 2009), chapter 1.1, paragraph 7, www.charm.kcl.ac.uk/studies/chapters/chap1.html.

⁷ Veja p. 49-50, SMART, Mary Ann. The lost Voice of Rosina Stoltz. In: Cambridge Opera Journal, Cambridge, (v. 6), (n. 1), (p. 31-50), (1994)

Smart, na sua preocupação de levantar um retrato melhor equilibrado da vida e atuação profissional da Stoltz, traz um olhar renovada a leitura biográfica e documentação histórica sobre a soprano: “Traduzido para a linguagem da teoria feminista: o poder da soprano – a sua independência econômica, criativa e sexual – parece exigir contenção [...], escritas jornalísticas e biográficas tentam controlar ou limitar sua potencial supremacia”. (SMART, p. 33)⁸. Esta visão nos permite especular sobre a razão da falta de atenção à habilidade técnica da cantora tendo como principal foco a sua aparência física, ou nos efeitos da intérprete sobre o estado de espírito do espectador, pois, historicamente, são os homens os relatores. As lacunas na documentação dizem mais sobre as limitações dos escritores – as suas tendências e preferências, e a visão romantizada que permeavam o mundo artístico machista do século XIX – do que a própria cantora. A ótica feminista de Smart sobre a atuação e vida pública da Stoltz é bastante útil na análise do periódico oitocentista ‘A Marmota Fluminense’, publicação em que o nome da cantora francesa aparece entre 13 de abril de 1852 e 15 de julho de 1853. Foi justamente durante o período da ausência da cantora francesa Rosina Stoltz de sua terra natal, cinco anos depois que se aposenta da Ópera de Paris, que ela aparece na cena musical do Rio de Janeiro. Foi com bastante entusiasmo que os redatores cariocas da época relataram as aparências públicas da Stoltz, porém, uma primeira leitura das ocorrências de reportagens sobre a cantora levanta a suspeita de que no Brasil a cantora foi sujeita ao mesmo tipo de representação na imprensa de que tinha sido na França.

Divido o presente trabalho, então, em duas partes: na primeira, faço um levantamento de dados extraídos do periódico “A Marmota Fluminense” e classifico o tipo de informação em quatro categorias: críticas sobre a performance de Rosina Stoltz; notícias e comentários gerais sobre a recepção da cantora na sociedade do Rio de Janeiro; fofocas e vida social fora do palco; e os poemas escritos para adular ou satirizar a cantora. A ortografia original, como se aparece na Marmota Fluminense, foi mantida para facilitar a verificação da entrada. Cada ocorrência apresentada na tabela inclui um link que abre a página onde a mesma pode ser encontrada. É feita, também, uma breve avaliação sobre a quantidade de notícias encontradas em cada categoria. Em seguida, na segunda parte, focalizo os dados nas ocorrências que avaliam a

⁸ Translated into the language of feminist theory: the soprano’s power – her economic, creative and sexual independence – seem to demand containment [...], journalistic writings or biographies attempt to control or limit her potential supremacy”

⁹ Pesquisa realizada com a Hemeroteca Digital online da Biblioteca Nacional. “A Marmota na Corte” (1849-1852) e “A Marmota Fluminense” (1852-1857) foram periódicos publicados no Rio de Janeiro pelo editor Paulo Brito, com a suposta função de jornal feminino – ‘Jornal de modas e variedades’, e que servia para a ‘Sociedade Petalógica’ como veículo de publicação de obras literárias, musicais, e críticas de arte e política.

performance da cantora, com o objetivo de compreender, através dessa fonte de documentação histórica, como foi a sua atuação técnica e profissional como intérprete do repertório de ópera italiana, estilo apreciado pelo o público de classe média e a elite brasileira oitocentista.

O nome da cantora é encontrado com uma variação de ortografia; existem 15 resultados para a pesquisa “Rosina Stoltz” e mais 12 para “Rosina Stolz”. A Quadra 1 lista a primeira variação, com “t”, e a Quadra 2, sem “t”.

Quadro 1: Resultados de pesquisa “Rosina Stoltz”, 15 ocorrências

	Edição	Data	pg.	Classificação/Descrição breve da notícia e link da ocorrência
1	Ano 1852/Edição 00252	13/04/1852	02	“O theatro italiano” (início na página 1) é a primeira menção encontrada do nome. Segue na mesma página o pequeno artigo “A Rosina Stoltz”- Notícia da chegada da cantora no Rio; conta da fama dela em Paris, principalmente conhecida pelo papel da <i>Favorita</i> http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1018
2 e 3	Ano 1852/Edição 00264	25/05/1852	01	Fofoca: Poema satírico que trata de boatos de que Rosina Stoltz não ficou satisfeita com sua recepção pela sociedade carioca http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1065
4	Ano 1852/Edição 00291	27/08/1852	01	Notícia: O benefício de Mme. Stoltz http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1173
5	Ano 1852/Edição 00291	27/08/1852	02	Um soneto em italiano, sua tradução e um poema: Versos líricos sobre o talento e beleza da Rosina Stoltz http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1174
6	Ano 1852/Edição 00291	27/08/1852	03	Crítica social: “O filósofo na corte” Comenta a excelência da interpretação de Rosina Stoltz http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1175
7	Ano 1852/Edição 00292	31/08/1852	03	Poema romântico sobre o efeito da interpretação de Rosina Stoltz sobre o espectador. Informações pertinentes à voz e à interpretação http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1179
8	Ano 1852/Edição 00296	14/09/1852	03	Crítica da performance: “O filósofo na corte” Comparação da interpretação de Rosina Stoltz com as das cantoras locais http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1195

9	Ano 1852/Edição 00304	12/10/1852	04	Notícia (“Noticinha”)/Fofoca: “Diz-se que a Mme. Stoltz se retira no pacote de 15 [...]” http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1228
10	Ano 1852/Edição 00305	15/10/1852	04	Fofoca/coluna social: “se canta ou não canta Mme. Stoltz?” http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1232
11	Ano 1853/Edição 00328	04/01/1853	01	Retrospectiva do ano 1852: Menciona a temporada de Rosina Stoltz e o benefício que trouxe para o Teatro Lyrico http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1321
12	Ano 1853/Edição 00331	14/01/1853	01	Retrospectiva do ano 1852: Menciona a presença de Rosina Stoltz em tom mais irônico http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1333
13	Ano 1853/Edição 00337	04/02/1853	02	Crítica social: Carta de um amigo em Paris, reclamando do mau tratamento (fofoca) a que foi sujeita Regina Stoltz no Brasil http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1358
14	Ano 1853/Edição 00337	05/04/1853	04	Poema “À Rosina Stoltz” De autoria de um fã, descrição rasa da interpretação de Rosina Stoltz http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1443
15	Ano 1853/Edição 00383	15/07/1853	02	Sociedade Petalógica Menciona o nome Rosina Stoltz. Fofoca/ironia? http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1558

Quadro 2: Resultados de pesquisa “Rosina Stolz”, (neste quadro, o nome da cantora é representado pelo sigla RS, com exceção dos títulos originais), 12 ocorrências

	Edição	Data	pg.	Classificação/Descrição breve da notícia e link da ocorrência
1	Ano 1852/Edição 00266	01/06/1852	02	Conto: Relato romantizado da vida de RS, contado por um narrador. Continuação do conto publicado na edição anterior, 00265. O nome é entregue só no final do conto. http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1075
2	Ano 1852/Edição 00269	11/06/1852	01	Poema satírico: <i>Jônio à Rita Maria</i> Comentário social sobre a febre amarela que menciona RS http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1085
3 e 4	Ano 1852/Edição 00270	15/06/1852	01 e 02	Conto: “A estréia da Rosina Stolz”. Inclui detalhes sobre o teatro provisório onde ocorreu a estréia. http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1089

5	Ano 1852/Edição 00271	18/06/1852	01	Continuação do conto “A estréia da Sra. Stolz”: Descrição da performance de RS e a experiência do espectador, incluindo fatos, por exemplo, da presença real, lugar do teatro etc. http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1093
6	Ano 1852\Edição 00271	18/06/1852	04	Poema em alemão: “Madam Rosina Stolz in der Favoritin” Poesia emotiva que descreve a recepção emocional. A intérprete era capaz de provocar grandes sentimentos com seus gestos http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1096
7	Ano 1852\Edição 00272	22/06/1852	01	Crítica da performance de “Rosina Stolz” O “crítico” observa mais a recepção do público do que as habilidades técnicas da cantora (comparação com fada, que encanta o ouvinte, etc.). Na página 2, há alguns dados interessantes sobre a atuação da cantora. http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1097
8	Ano 1852/Edição 00280	20/07/1852	01	Crítica da performance: Traz a notícia que a RS segue no teatro provisório, agora com <i>Semiramis</i> , e continua sendo bem recebida pelo público http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1129
9	Ano 1852/Edição 00282	27/07/1852	01	Editorial “Theatro de S. Fransisco”, Lista sinais do progresso: no crescimento da indústria; na infraestrutura, na construção de teatros, na visita de RS. http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1137
10	Ano 1852/Edição 00282	27/07/1852	02	Continuação do editorial: RS mencionada como celebridade. Sem conteúdo relevante à atuação http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1138
11	Ano 1853/Edição 00284	03/08/1853	03	Poema: Declaração de adoração a RS por um fã http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1145
12	Ano 1853/Edição 00331	14/01/1853	01	Crítica “Roberto Bruce”: Avisa que RS cantaria a <i>Favorita</i> no seu benefício, sendo o papel preferido dela, e que foi bem recebido no Rio, mas critica que não optou pela <i>Roberto Bruce</i> . http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1163

Considerando as informações expostas nas duas tabelas, realizei uma análise do conteúdo para adequar cada ocorrência em uma das quatro categorias expostas acima. Em

primeiro lugar, com 9 entradas, são as notícias e os comentários gerais sobre a recepção de Rosina Stoltz/Stolz na sociedade do Rio de Janeiro; foram 6 instâncias de fofoca ou informações sobre a vida social da cantora fora do palco; e 6 poemas escritos para adular ou satirizar a cantora. Da categoria “críticas à performance de Rosina Stoltz”, em que o artigo relevante procurou e, de fato, executou uma crítica efetiva que contribuiu para a história da cantora como intérprete, existe apenas 1 ocorrência. Porém, mesmo que a maioria das entradas não tenha produzido informações pertinentes à atuação técnica de Rosina, elas podem nos informar, por exemplo, sobre as expectativas do público, o lugar físico onde foram realizadas e o tipo de público que as frequentou, assim preparando o cenário para contextualizar nosso objeto de estudo.

A primeira ocorrência do nome Stoltz aparece no jornal na edição 00252, de 13 de abril de 1852, na coluna intitulada “O Theatro Italiano”. O autor do artigo, P. Diniz, reclama do comportamento dos cantores italianos e de sua arrogância, que

“arrotam vaidosamente que não há no mundo quem possa passar sem opera italiana, e não há quem cante senão elles; porém esta ultima mentira está completamente desfeita com a chegada da cantora Stoltz, que é Franceza de nascimento, e tem uma voz admirável, segundo se diz, o que prova que este dom não é privativo da terra do Papa.”(MF/00252, 13/4/1852, p.2)

Este relato nos oferece um primeiro vislumbre da cena em que Stoltz entraria, e de como a sua reputação a precedia. Em seguida, na mesma edição, uma coluna com o título “A SNRA. STOLTZ” conta a chegada da cantora ao Brasil e dá expectativas ao público que ela faria sua estréia com *La Favorita* de Donizetti, papel que executou com sucesso absoluto para o público parisiense. Segundo Smart, o público francês fazia comparações cruéis com a ‘Favorita’; a amante do rei na obra, e a Stoltz, ‘a preferida’ do diretor da Ópera de Paris. A autora indica que existe uma tendência entre os narradores da vida de intérpretes de enquadrar as suas vidas pessoais com os papéis que viviam. Estas comparações redutivas levavam o público a culpar Stoltz para a falência da Ópera de Paris (em apuros desde a década anterior ao ingresso da cantora na companhia), devido ao suposto caso romântico com o ‘Rei da Ópera’, Léon Pillet, e a sua insistência em manter Rosina como prima-dona, apesar dos críticos sobre a sua capacidade.

Um conto, da edição 266, relata a história da vida de Rosina Stoltz. Narrado em voz masculina para um grupo de homens, como se estivessem em uma taverna ou vestíbulo, onde

se encontram para fumar, beber e contar histórias. Com a perspectiva de uma leitora do século 21, é gritante o romantismo masculino da época, em que o foco não é a cantora, e sim, o suposto herói da história, o professor de Rosina, Mr. Ramier, que a descobriu nas ruas de Paris. De acordo com o conto, Rosina foi uma menina de origem humilde que teve a sorte de ser encontrada pelo bondoso professor que a ensinou tudo e a quem deve todo o seu sucesso, senão, a vida. O conto inclui informações sobre a fisionomia da cantora – os pés pequenos, a figura esbelta – e as características, por ela possuídas, de “mulher desejável”: obediência, docilidade, timidez. Esta entrada é um excelente exemplo do romantismo machista indicado nos trabalhos de Smart (1994) e Hadlock (2012).

A primeira exposição negativa que a cantora recebeu aparece na edição 00264, no final do segundo mês da estadia no Rio de Janeiro, em 25 de junho de 1852. Trata-se de um poema satírico sobre uma suposta reclamação feita pela cantora de que não estava satisfeita com a sua recepção pela sociedade carioca; “Por Clero, Nobreza, e Povo, Não fosse cumprimentada”. Porém, uma leitura até o final do poema deixa claro que o autor tem intenções maiores que uma simples brincadeira com a celebridade: o poema satiriza a sociedade brasileira em geral e faz reclamações sobre o estado da infra-estrutura da cidade, os impostos altos, etc. A fofoca cercando Stoltz parece ser branda. A impressão global gerada pela análise das entradas sobre a cantora na ‘Marmota na Corte’ nos permite perceber que ela foi muito bem recebida pelo público, aplaudida nos teatros e elogiada em poemas e críticas nos jornais. Como relatou um autor na edição 272 de 22 de Junho, 1853, “A Stolz, o canto da Stolz, a mímica da Stolz, eis-ahi o que ocupa hoje exclusivamente o mundo do Rio de Janeiro (...)”.

Em seguida, partimos para a análise de dados que possibilitam um retrato da atuação profissional de Rosina Stolz. Foram encontradas informações interessantes, não somente nos artigos especificamente de crítica musical – ocorreu somente uma instância desse tipo – mas em dois poemas românticos elogiosos da cantora e em uma coluna de crítica social, “O Filósofo na Corte”, os quais providenciaram um relato de conteúdo crítico da performance de Rosina Stolz. Esta crônica, em formato de “carta ao amigo no campo”, relata a vida na sociedade do Rio de Janeiro. A coluna na edição 00291, de 27 de agosto de 1852, comenta a excelência da voz e da interpretação artística de Rosina Stoltz e, na edição 00296 de 14 de setembro, o autor volta a exaltar a descrição da artista: “Como cantora, arrebatada, mas como atriz, excede o todo o encarecimento.[...]. Os gestos, os ademans, os movimentos, as attitudes de Madame Stoltz fallam e exprimem maravilhosamente todas as paixões, todos os sentimentos.”

Enquanto muitos artigos na ‘Marmota’ exaltaram a voz maravilhosa e a figura bela da cantora, sem entrar em descrições mais técnicas, esta crônica proporciona um vislumbre de como teria sido a experiência de presenciar a performance da Stoltz. O autor da coluna aparenta ter sido mais impressionado pela interpretação gestual da atriz do que pela voz em si, e esta tendência se repete nas outras fontes descritivas. Este fato combina com documentação citada no trabalho de Smart (1994). A ‘Marmota na Corte’ publicou alguns poemas que enaltecem a cantora, a chamando de ‘anjo’, ‘gênio’, ‘divina’, todos em tom romântico. Entre estes versos, é possível captar descrições interessantes que nos permitem imaginar como havia sido a performance de Rosina Stoltz. Na edição 00292, página 3, encontramos o poema dedicado “À insigne cantora D. ROSINA STOLTZ”, e lemos na quarta estrofe “Quando a voz léda e ridente/ Modulas, sorri-se o céao! [sic] / Se carpes terna e gemente/ Cobre a terra negra véo!”. Deste trecho, podemos inferir que a cantora era adepta em transmitir e provocar grandes emoções no ouvinte com a sua voz. Na última estrofe, novamente, vemos a capacidade dramática da cantora: “Teus delyrios martyrismam/ Quando exprimes luto e dor/ Teus gestos emparaisam/ Quanso ris louca de amor;/ Tu és a fonte do pranto/ Tu és a fonte do encanto/ Da melodia o primor!” Outra fonte poética, escrita em alemão, publicada na edição 00271, também descreve a capacidade gestual e emotiva da cantora. A primeira estrofe fala da beleza da voz, mas o restante do poema é dedicado à capacidade de Stoltz de emocionar o público com o gesto vocal e físico. Com estas fontes, é possível construir uma idéia de que tipo de cantora foi Rosina Stoltz. Na edição 0272, de 22 de junho, encontramos um artigo de crítico de performance que retrata a atuação da cantora. Inicia como outros, em tom bastante superficial, pouco técnico, enfocando as sensações do autor ao assistir à performance de Stoltz. Passa por uma descrição do Teatro Provisório, uma descrição também bastante supérflua que não acrescenta informações técnicas que poderiam auxiliar no entendimento do cenário mas, por fim, acrescenta uma avaliação crítica da performance da cantora. O autor declara:

“A Rosina não canta, sente por musica e por musica transmite aos que a ouvem as diversas sensações de uma alma apaixonadíssima e sensível a menor impressão, como as chordas de uma harpa eolia. Rosina é um grande orador que commove o auditório [...]. O canto não é para ella um fim, mas o meio de que se serve quando quer, e como quer, para commover e arrastar.” (MF/0272, 22/06/1852, p.1)

As informações encontradas na pesquisa da ‘Marmota Fluminense’ sobre a atuação da cantora francesa Rosina Stoltz, no geral, nos mostram que ela foi muito bem recebida durante a temporada no Rio de Janeiro, que iniciou em abril de 1852, mas não deixa claro a data em que saiu do Brasil. Pelas notícias encontradas nas edições de outubro, podemos inferir que a

cantora rompeu o contrato e preferiu ir embora, mas as notícias incluindo o nome dela continuam até o início de 1853. Durante a pesquisa, foi difícil evitar a tentação de entrar nas intrigas da sociedade carioca oitocentista, pois este tipo de notícia oferece vários rumos interessantes, que poderiam ser explorados em outros trabalhos. O foco do presente artigo deu preferência para o desempenho profissional da cantora. Através da pesquisa na “Marmota Fluminense”, foi possível entender que a Rosina Stoltz possuiu uma voz bela, clara e tecnicamente forte, mas o que mais impressionava seus espectadores era a sua capacidade de usar seu instrumento para emocionar o público que, por sua vez, se envolvia na viagem emocional da peça, deixando-se levar para onde a cantora queria levá-los. Somos impelidos a concluir que foram os gestos e sua capacidade como oradora, junto com a sua potência vocal, que conquistou o público carioca do ano de 1852.

Referências

A Marmota na Corte (RJ) - 1849 a 1853. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> Acessado em: 30/03/2020

HADLOCK, Heather. Opera and gender studies In: The Cambridge Companion to Opera Studies, Cambridge, 2012. p. 257-275.

LEECH-WILKINSON, Daniel. The Changing Sound of Music: Approaches to Studying Recorded Musical Performance. London: CHARM, 2009. Disponível em:

<https://charm.rhul.ac.uk/studies/chapters/intro.html> Acesso em 29/03/2020

SMART, Mary Ann. The lost Voice of Rosina Stoltz. In: Cambridge Opera Journal, Cambridge, (v. 6), (n. 1),(p. 31-50), (1994).